

África do Sul tenta 'salvar' Durban

País redige nova declaração sobre a questão israelense para evitar fiasco da terceira conferência da ONU sobre racismo

DURBAN, ÁFRICA DO SUL – As delegações presentes em Durban tentavam ontem salvar do fracasso a Conferência Internacional contra o Racismo, depois que os Estados Unidos, seguidos por Israel, abandonaram a reunião em protesto contra o que chamaram de “linguagem anti-semita” dirigida contra o Estado judeu nos textos provisórios da Declaração de Durban. A África do Sul conseguiu que a União Européia aceitasse uma nova proposta de texto, que substituiria a declaração anterior.

Um comitê encabeçado pela ministra do Exterior sul-africana, Nkosazana Dlamini-Zuma, elaborou um rascunho que foi aceito pelos delegados da União Européia: “A UE estima que o projeto apresentado pela Presidência sul-africana constitui uma base de negociação aceitável”, disse um porta-voz do ministério do Exterior da Bélgica, país que ocupa atualmente a presidência rotativa da UE.

Além da África do Sul e da Bélgica, também têm lugar no comitê a Noruega, responsável pelo rascunho que estabeleceu os alicerces do novo texto, e a Liga Árabe, representada por seu secretário-geral, o egípcio Amr Moussa. Os trabalhos prosseguiram noite adentro na tentativa de se chegar a uma solução definitiva antes de sexta-feira, dia do encerramento da conferência. Segundo a alta-comissária da ONU para Direitos Humanos e responsável pela direção do encontro, Mary Robinson, o avanço pode ser alcançado até nos últimos momentos da conferência.

Resta saber se os países muçulmanos e árabes – que advogaram desde os trabalhos preparatórios termos de dura condenação contra Israel – aceitarão o novo

texto, que deve tocar na questão palestina sem, no entanto, acusar Israel de qualquer prática racista – até agora uma exigência do bloco pró-palestino.

Escravidão – Outro ponto de divergência é a questão das reparações pela escravidão, inicialmente um dos temas mais importantes do encontro. Há desentendimentos de ambos os lados – ex-escravizados e ex-escravizadores – sobre como resolver o dano causado por quatro séculos de tráfico de pessoas, em que cerca de 12 milhões de negros foram abduzidos de suas terras para servir a senhores coloniais em outros países.

A Europa se divide entre pedir perdão ou simplesmente lamentar, enquanto países africanos e caribenhos, além de ONGs, não conseguem alcançar qualquer consenso sobre qual deveria ser a forma de reparação.

Os EUA – que se negam até mesmo a lamentar os erros do passado, temendo dar combustível para uma tonelada de ações judiciais de descendentes de escravos buscando indenização – foram acusados ontem por líderes de ONGs afro-americanas de usar a questão israelense como uma desculpa para abandonar a conferência e não abordar assuntos que lhe seriam incômodos. “O governo dos EUA está se escondendo atrás [da questão] do sionismo para evitar uma discussão democrática sobre as reparações ao mundo africano pela escravidão e exploração”, pregava um folheto distribuído pelo Movimento Popular Democrata Internacional Uhuru, uma ONG americana. Já o porta-voz da Casa Branca, Richard Boucher, afirmou que a “linguagem da intolerância” transformou Durban numa oportunidade perdida.



Protesto contra os EUA em frente à sede da conferência: europeus também não aprovaram o paralelo entre sionismo e racismo

Durban, África do Sul – AFP